



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Redacção, Administração e Propriedária: Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Director e Editor: PADRE AMÉRICO

Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Vales de correio para Paço de Sousa — AVENÇA — QUINZENÁRIO

Ano XII — N.º 319 — Preço 1\$00
19 DE MAIO DE 1956

A nossa festa no Coliseu do Porto

E' costume dos festeiros berrar a sua festa e dizerem aos quatro ventos que a deste ano vai ser melhor do que a do ano passado. E' costume, mas nós não. Não dizemos que vai ser melhor, mas uma coisa diferente, isso sim. Vamos tirar novos efeitos da mesma matéria prima. Oferecer à inteligência novas modalidades da mesma e única verdade. Além de que esperamos apresentar uma surpresa que vai agradar absolutamente a cada um dos presentes. Até lá.

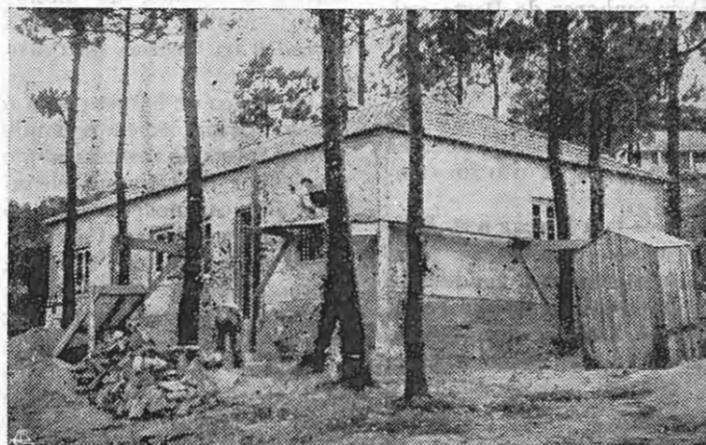
Património dos Pobres

Estivemos na Parede, onde estão subindo as primeiras. Ficam um nadinha afastadas da igreja paroquial. O sítio é parecido com Cascais em tudo e até mesmo nas inúmeras construções particulares que por ali se verificam. Mas a barraca está. Onde ontem foi uma pedreira, hoje são ninhos humanos; famílias inteiras arrumam-se de qualquer forma. O material é uma coisa qualquer que se apanha seja onde for. Conversamos. Quatro crianças de cara muito lavada, comiam cada uma seu prato de sopa. A mãe, também muito lavada, informa que é por necessidade que ali vivem. «O meu marido trabalha em Xabregas». Dentro em breves dias aquela mãe vai tornar a ser mãe! Eu meti o nariz na fuma. Não vi espaço nem jeito onde aquela mulher nova, limpa e bem parecida, possa vir a dar um homem ao mundo. Claro que as casinhas novas do Património que ali ao pé se estão a erguer, têm necessariamente de impressionar e não há-de faltar quem diga mal duma injustiça aparente. Vamos então dizer que o Património dos Pobres é um mal? Não. Não é. Mostra-o. Aquela anomalia quer dizer que os homens de dinheiro bem poderiam empregar seus capitais em construções de renda barata. Não há sítio em Portugal onde essa urgência se não apalpe. Não há terra onde não haja um homem com o poder de mandar construir por sua conta e risco. Seria a maior guerra à miséria!

Além destas na Parede, temos construídas outras nos arredores de Lisboa e contam-se por mais de meio cento as construídas ali desde o princípio da campanha. Onde se oferecem terrenos e possibilidades aí estamos nós a construir. Não costumamos respeitar inteiramente aquele doce bairrismo — «tome e faça-me uma casa na minha terra». Não costumamos, que muito maior é a urgência de construir e o sofrimento de quem espera. Neste sentido o coração tem de dar lugar à inteligência. Mas ele ainda existe uma outra razão pela qual não podemos aceitar casas condicionadas; é que pode acontecer que aquela terra esteja fechada à doutrina. Tem acontecido.

A Casa «Círculo Judicial de Portalegre» encontra-se em

(Continua na pág. QUATRO)



São assim as Casas da Covilhã. Venham mais delas.

Agora

Vai aqui alguém que depositou dez contos no Banco Espírito Santo de Lisboa «de uma promessa». Vai aqui outra promessa de Tete; são 500\$00. Os quatro irmãos andam sempre aqui metidos e nunca trazem menos de 200\$ de cada vez. Já falámos no António Teles do Luabo, ele aqui vai. Olhem para a sua mão. São mil escudos, os primeiros da «Casa dos Gaiatos». O Pessoal da Hidro-Elétrica do Cávado trouxe o seu mês de Abril: 2.001\$. Uma senhora de 73 anos «cheia de sofrimento físico e moral» vai com 500\$. É de Lisboa. Vila Nova de Paiva leva 100\$. Uma vicentina de algures vai com 175\$. Mais uma promessa de 500\$. Notem que uma promessa é sempre e em todos os casos uma veemência. É um chamamento. É o coração todo, e é sempre pelo que nos parece melhor que a gente chama! Vão aqui 20\$ «dos cigarros de um doente hospitalizado». Não há melhor sítio para ver ao longe do que o leito, nem melhor disposição do que a doença. Ninguém chame infeliz a um doente nem ele próprio se tenha por tal. Deus supre. Sei que supre. Mais 100\$. Mais 170\$ de Ilhavo. Outra vez Lisboa com 400\$00; «o que sinto no coração acerca da Obra só por uma oração se pode dizer». Eu cá também assim digo. Esta é justamente a marca do Divino. Toda a obra que o homem realiza por amor ao homem, sobe e ultrapassa os seus domínios e entra no Infinito. Que nenhum realizador tema dificuldades; com elas

(Continua na quarta página)

CHALES DE ORDINS

Quando em boa hora encetámos a obra dos artesanatos de chales, não faltou quem nos prognosticasse que tudo acabaria, breve. Lançámos aqui o primeiro grito em 3 de Dezembro e já passámos dos 500 chales manufacturados. Nunca julgáramos chegar tão longe. Ferimos a fibra da generosidade do coração dos nossos leitores, alguns dos quais, homens e senhoras, em caridade plena, se fizeram nossos propagandistas, antes, Apóstolos de Jesus Cristo. Mostrámos com o nosso humilde e despretenso trabalho e do coração parouquial se interessa pelas classes humildes, ajudando-as a levar uma vida digna, humana, para que possam viver, em plenitude, o Evangelho. Vimos Párocos, como os de Castellos de Cepeda e Moledo, animados com os artesanatos de Ordins, pensarem na fundação de Casas de Trabalho para raparigas. Concluindo, diremos que sempre valeu a pena termos tentado fazer alguma coisa, dando de mão a «loucura» a que nunca se arriscam os «prudentes».

Tribuna de Coimbra

A Senhora do nosso Lar de Coimbra não nos deixa por causa das coisas que lá vão levar.

Queixa-se de que não publicamos de jornal e que as pessoas gostam de ver e ficam zangadas e já não tornam e por aí fora. E que «aquele senhor estudante agora já não dá tanto» e que «aquela senhora não tornou a mandar a criadas» e mais.

É possível que nós não mencionemos aqui tudo, mas as pessoas que nos ajudam não o fazem pelo nosso agradecimento, mas com os olhos postos em Deus.

Porém, a verdade é esta; nos últimos tempos poucos nos têm visitado. Alguns donativos anuais pelo Natal este ano ainda não apareceram. Muitos embrulhos de roupas e calçado e retalhos que vinham de vez em quando, já há muito que não aparecem. Não temos insistido muito a pedir, mas a verdade é que estamos em necessidade.

Cont. na página DOIS

Santa Catarina da Serra com 120\$ um dos maiores. E que gostaram do outro de 60\$. Do Lar do Gaiato de Coimbra dois médios. «Aproveito para solicitar a fineza de me informar se posso vender o que cá está para amostra, pois há sempre quem o queira comprar». Pode sim, minha senhora, mas peço-lhe logo outro, para ter sempre que mostrar. O Porto quer 3 dos pequenos. Vila da Rua mais um grande e outro pequeno. Ermesinde com 80\$ um de 60. Inhambane (Moçambique), um dos grandes, pedindo enviemos também um de 60\$ para Chaves. Junta-se-lhe Beira, também Moçambique, com 150\$ para um grande, numa carta que é um hino à Família cristã. «Tenho seguido com interesse no meu (olhe a Campanha dos cinquenta mil...) jornal «Gaiato» a campanha dos Chales e como a m/, sogra está a fazer anos e o inverno, daqui, à porta, lembrei-me que não havia melhor lembrança para os netos lhe oferecerem um chale de Ordins». A Nora é mais uma filha. A Sogra é qual outra mãe. Os netos duas vezes filhos. Daí o aniversário da Sogra e Avó, festejado com um chale de Ordins. Que tais exemplos frutifiquem!

Ponte de Lima um grande. Esposende um pequenino. S. João da Madeira, idem, com 70. «Há por lá algumas pessoas interessadas, mas queriam ver a qualidade. Seixo da Beira um grande com 120\$. Porto um médio com 100\$, «para ajudar a v/ campanha». Avança conta assim os Chales de Ordins: «desejando fazer propaganda dos Chales de Ordins para desse modo ajudar um pouquinho essa admirável obra» e envia 100 para um de 90\$. S. Martinho do Campo visitou-nos e encomendou um dos grandes e três médios. Lisboa recebeu, gostou e, de novo, aparece com mais uma encomenda de dois dos pequenos. Caldas da Rainha, outra vez, com um de 90. Ribeira Brava (Ilha da Madeira), outra vez com três pequenos e dois médios e um vale de 385\$00. Enviaremos para Viseu a lembrança que deseja. Coja 130 para dois dos pequenos. Ois da Ribeira 120 para um grande. Alcoabaça com cem um de 90. Outra vez, Sabugal com

Cont. na página DOIS

COLISEU!

A nossa festa anual realiza-se no Coliseu do Porto
DIA 24 DE MAIO
Os bilhetes já estão à venda: dias úteis no Espelho da Moda,
Rua dos Clérigos 54; todos os dias nas bilheteiras do Coliseu

COLISEU!

CAMPANHA DOS CINQUENTA MIL

A Campanha dos cinquenta mil continua! E com a mesma fé e entusiasmo da primeira hora. Tanto, que não vem dia ao mundo que o correio não traga novos assinantes. As listas, as cartas, os postais, são todos espumantes; todos. Vê-se boa vontade e sobretudo desejo incomensurável de atingir a meta. Ainda se não avista, verdade, mas vem lá. Vem sim senhor. Sabeis porquê? É o Pobre. O Pobre que socorremos, de mãos erguidas para o Alto. Aí é que reside, verdadeiramente, o sucesso da Campanha. «Todos os dias peço a Deus por aqueles que me ajudam». A gente ouve a cada passo d. boca do Pobre este hino de acção de graças. Que hino! E que momentos!... É Jesus ali, feito homem. Jesus que nasceu nas palhinhas humildes de Nazaré; Jesus Nazareno. Transfigurado, mas presente: «tudo o que fizerdes ao mais pequenino dos meus irmãos a Mim mesmo o fazeis». Se não vissemos no Pobre a imagem do Nazareno, se não o visitássemos com os olhos n'Ele, qual o proveito da nossa acção?

Agora se nos dão licença, outra coisa. É o caso do Avelino, Tomar e Manuel dos Santos ocupados com a cobrança. De tempos a tempos, consoante haja recibos suficientes aí vai uma enxurrada para o correio. Saibam todos que isto de procedermos a cobranças é uma violência à nossa índole, a que Pai Américo teve de submeter-se. O jornal é a espinha dorsal da Obra; e mais, sem ele não teríamos voado tão alto! Pois bem. O regresso da cobrança é uma curiosidade. «Quantos recusaram? Quantos pagaram?» Por motivos vários, muitos se atrasam nas contas e o tempo não perdoa. A páginas tantas o débito vai por aí fora. A vida está difícil. As dificuldades são cada vez maiores. Ora nós, pondo de parte aqueles que se atrasam por esquecimento e que pagam com certeza, botamos o nosso olhar para os que avolumam e chegam a não poder pagar. Não recusem o jornal. Mais que ninguém compreendemos a vida cara, a necessidade e protelamos. Paguem suavemente, às prestações, o que puderem e quando puderem. Basta escrever-nos um simples postal e confiamos na palavra. Nós somos pela Confiança.

Depois deste intervalo, voltemos à Campanha. Façamos hoje um apelo aos empregados das grandes empresas e das grandes fábricas, aonde por haver mais gente é possível colher um maior número de inscrições. Haja em cada uma dessas fábricas ou empresas, um que levante o braço. Que fale do valor do Jornal e da actualidade da Obra da Rua. E os de boa vontade, com boa vontade, alinham com certeza ao nosso lado e assim conseguimos atingir o «sonho»—os cinquenta mil. Mãos à obra! E até de hoje a quinze se Deus quiser.

J. M.

O que nos dão no Tojal

Tudo quanto a seguir damos a público, são parcelas duma soma que não mais tem fim, porque a caridade donde elas procedem é fonte perene e inexgotável de generosidades. E aqui as registamos para que conosco fiquéis de mãos erguidas a bendizer.

As dimensões da esmola avalliam-se pela intensidade do amor de quem a faz. E nesta ordem de ideias começo por quem mais deu. É aquela pobre que roga «lhe perdoem só entregar vinte escudos por ter precisões em sua casa». Segue-se o Casal de Arroios com cem habituais e um acréscimo de quinhentos para a nossa festa da Páscoa; da Rua Morais Soares duzentos, com muita mágoa por um dos nossos se ter transviado; dos Produtos Lácteos a costumada cotização do pessoal daquela Sociedade. Em Almada recebemos quinhentos.

No último domingo do inverno passado, esteve entre nós a Escola Lusitânia. Professoras e alunas vieram buscar a dor de verem os calções dos nossos rapazes rotos, e as camisas muito remendadas. Deixaram 480\$, mais 157\$ e a promessa de substituírem por novo, o que lhes pareceu já muito gasto.

Lisboa mandou-nos mais o produto da venda do fio de ouro de alguém que ingressou nas Irmãzinhas dos Pobres. Mais intensidade de amor neste dar!

Seguem-se dois dias em branco. E depois deles, cinquenta dum amigo certo; quinhentos francos duma anónima do Congo Belga; dois visitantes cada um com vinte para a Conferência do Tojal; pelo correio, outro tanto para os gaiatos. A porta duma igreja duzentos; da Av. de Roma cem, e em S. Sebastião cinquenta.

Dois «jovens quaisquer» de-

sobrigaram-se este ano com trezentos. «Ninguém» de Lisboa fique descansado que nos foram entregues os cento e cinquenta!

A Capital continua com mais vinte por carta e 291\$ depositos em nossas mãos por visitantes.

O domingo de Páscoa amaneceu risonho com muitas amêndoas, uma nota de cinquenta e outra de quinhentos. Este acorde final repercutiu-se na manhã seguinte. Outros menos sonoros se lhes seguiram pelo dia além; vinte para os gaiatinhos, igual duma promessa e cinquenta dum doente.

No Lar outro tanto e um pacote de amêndoas. Uma admiradora da Obra entrega 1.420\$. Não sabemos quem seja, mas pedimos já por sua intenção. Os empregados da Mobil Portuguesa continuaram com donativos eloquentes: em Fevereiro e Março. Cairam em nossas mãos migalhas de cento e cinquenta e de cem; da T. W. A. um cheque de duzentos; para os gaiatos mais vinte; outra vez o casal de Arroios com cem. Uma Maria de Lisboa com vinte mais um cartucho de amên-

doas; cem e quarenta para sufrágios.

Os peditórios nas igrejas não ficaram a dever nada aos do ano passado. De S. Domingos os nossos rapazes receberam eatorze contos e quinhentos.

E depois disto, dias sem nada no Tojal, mas carradas de embrulhos no Montepio: aparelho de rádio, pano para camisas, camisolas exteriores, remédios, sapatos e roupa para a Conferência; mais camisas, cuecas e meias; pijamas e calçado velho que ainda tem utilidade; gabardine, livros e revistas e lenços e um fato óptimo.

E, pelo Tojal, mais dias sem nada, até que um visitante se afoitou com vinte e outro com igual quantia. Mais uma cotização do pessoal dos Produtos Lácteos. Da Caixa de Previdência dos Transportes de Automóvel, dois vales.

Assim findou este mês de Abril com mais cento e cinquenta e oito escudos de visitantes. Sim, que a Capital venha aqui amiúdas vezes beijar os filhos que ela abandonou!

Padre Baptista

Tribuna de Coimbra

(Cont. da página UM)

A nossa agenda do dia primeiro do ano para cá regista o seguinte:

Azulejos e manilhas duma fábrica da especialidade, de Coimbra; uma camioneta de mosaicos e azulejos para as nossas oficinas de Miranda e muitos para Coimbra do nosso amigo da primeira hora; cem dum senhor a chorar junto ao cadáver da esposa; os duzentos mensais de Coimbra; dois bolos-reis dum médico de Coimbra sempre em cuidados conosco; setenta dum rapaz nosso vizinho nos princípios da vida.

Uma caixa de figos dum armazém de Miranda; 23\$ de visitantes; cem duma «colecta familiar», deixados no Castelo; roupas aos vendedores; cem no aniversário do «Doutorzinho de Mira»; cinquenta dum senhor Prior sempre pronto para nos aturar; vinte de visitantes; o mesmo, do mesmo modo; quatro pneus usados deixados na Gráfica de Coimbra.

Dois sacos de batatas para o Lar vindos não sabemos donde muitas coisas de mercearia que um senhor de Coimbra costuma todos os anos ir levar ao lar; cinquenta para o Calvário, duma assinante da Covilhã; quarenta duma excursão da Figueira; dez moedas de dez duma promessa e duas pela conversão do marido. Deus pode muito bem servir-se deste caminho para lhe dar Luz; cem para a Conferência, de «Uma Amiga dos Pobres» de Lisboa. Cinquenta para a Conferência de Coimbra e o mesmo para a de Miranda, das Caldas da Rainha. Vem assim muitas vezes; cinquenta de visitantes; setenta do mesmo modo; trinta para bolas de ping-pong de quem viu a mesa e não viu as

bolas; cem duma senhora que nos veio trazer mais um pequenito; visitantes com dez; outros com vinte; garrafas de vinho da Malaposta; uma grande encomenda de vidro da Fontela também para as nossas oficinas. Se todos assim tínhamos prontas e assim vamos dolorosamente esperando. fizessem, já nesta altura as

Um embrulho de pullovers já há muito deixados no Castelo; 120\$00 da anónima dos Casais; cinquenta dum senhor Doutor Juiz amigo de há muito; cinquenta dum senhor professor pobre e a pedir a Graça de Deus para o seu lar; dez selos duma «Mãe Portuguesa» que tem de trabalhar muito para se governar; muitos remédios de Coimbra entregues no Lar. Adeus.

PADRE HORACIO

CHALES DE ORDINS

(Cont. da página UM)

um dos médios. Leiria, cheia de urgência, um pequeno para um pequenino. Mogofores quatro de 90, pagos a 100\$. Praia de Âncora um com 70. Escalhão um com 100. Macedo de Cavaleiros um com 70. Lisboa um com 100. Outra vez Lisboa com 65 para um dos pequenos.

E mais nada, por hoje. Quem quiser conhecer os nossos chales dirija-se ao Lar do Gaiato de Lisboa—R. Renato Baptista, 70-1.º; ao Lar de Gaiato do Porto—R. D. João IV, n.º 682; Lar do Gaiato de Coimbra—Cumeada; Casa do Gaiato—Paço de Sousa, idem de Lisboa e à Casa da Sagrada Família, em Penafiel.

Padre Aires

Visado pela
Comissão de Censura

Isto é a Casa do Gaiato

Ontem de tarde tive ocasião de explorar cenas e factos da nossa aldeia, para mim inteiramente desconhecidos e mais vivo cá dentro há um ror de anos. Pombas. São as pombas. O pombal de formosas linhas, fica um nadinha retirado; atravessa-se um jardim, passa-se às oficinas, entra-se num pequenino bosque e a uns metros além, pleno descampado, ergue-se o monumento. Era recreio. Os dois amigos das pombas fazem dele trabalho delicioso. Estava ali o Abel Augusto. Entrei e ele toma a palavra para nunca mais a largar enquanto durou a visita. Que mundo de beleza! Elas, cada qual em seu ninho cuidando de seus filhos. Abel chama cada uma pela seu nome. Diz das suas viagens e seus prémios. Corre a mão pelas asas como se fora troféu de glória: «é com estas que elas ganham». Retira de baixo de cada uma os pequeninos para eu ver: «olhe eles».

Dali fomos ao pombal velho.

Cuidava eu que este era abandonado desde que o novo foi aberto; cuidava, mas enganei-me. Eu desconheço as coisas mais importantes da nossa casa! Este pombal tem hoje outra função. Estão ali coelhos. Estão ali garnizés com seus pintainhos e galo empoleirado. Abel explica. Ali é casa de negócio. Com o produto da venda realizam eles fundos necessários para o alimento das suas pombas. E assim passámos a hora. Toca para o Terço. Chusmas de rapazes sobem vagarosamente os degraus da capela. Abel Augusto é desde há muito o rapaz que preside à oração em comum. Por isso despede-se, apressa-se e eu sigo de meu vagar. Dentro da capela e no seio da comunidade, vou dizendo com meus botões que afinal de contas ali era a continuação do pombal. Tudo quanto é alto, tudo quanto é honesto, tudo quanto é belo. Se na capela, se no pombal, se nos trabalhos, se onde, se quando, se

quê,—tudo é em «in Nomine Domini» — e isto é rezar.

x x x

Dois senhores do Porto quiseram ter à sua mesa dois vendedores e mandaram por eles uma carta a convidar, cada um para sua casa, ambos no dia celebre em que a Académica cedeu e o F. C. Porto foi campeão.

Que os iam buscar a S. Bento. Que os levavam ao jogo. Que os tornavam a conduzir à estação. Que era da sua conta o almoço. Tudo braços abertos. O mundo quer amar. Foram. No regresso cada um falou a seu modo, pois que cada um teve seu destino, mas na mesa eram iguais. Parece, até, que as duas famílias se combinaram para dar a seus hóspedes a mesma coisa, só o Tomar é que não. Este teve mais que dizer do que o seu companheiro e disse: «no fim licor de tangerina» e bateu com a língua no céu da boca!

RELATÓRIO DE 1955

UM dos principais eventos do ano, foi a abertura da Casa do Gaiato de Setúbal, com largas possibilidades, em virtude da quinta anexa. Com o andar do tempo e a exemplo do que temos feito nas outras, também nesta havemos de instalar oficinas e dar ao rapaz carta de profissão.

No fim do ano havia 504 rapazes instalados nas casas e lares, aos quais damos e continuamos a dar o melhor de nós mesmos; eles são a menina dos olhos dos padres da rua.

Primeiramente a instrução. Temos ao dispor de cada um a escola primária e todos podem obter o seu diploma de 4.ª classe. Temos os lares do Porto, Lisboa e Coimbra, onde o rapaz de boa vontade pode matricular-se e frequentar escolas superiores como alguns têm feito com óptimos resultados. Temos ainda o rapaz na Escola Normal, que escolheu e ali se prepara para futuro professor dos gaiatos. Na verdade é nosso desejo que sejam os rapazes a ensinar rapazes.

Se nas oficinas isto causa alegria, muito mais na escola, onde trabalha a memória e a inteligência. O professor é um deles. Entrou pela mesma porta, aqueceu-se à mesma fogueira, procede dos mesmos caminhos, foi um abandonado. Hoje, noutra qualquer escola seria um professor igual aos outros, mas na nossa é diferente. O Carlos Inácio está superiormente despachado para a escola de Paço de Sousa. Em Coimbra, andam 4 deles a preparar-se. Não há-de levar muito tempo que a multidão de visitantes, tenha ocasião de ver mais esta coisa nova nas casas do gaiato: o senhor professor é um gaiato!

O trabalho continua a ser considerado e é de facto a nota de toda a organização. O rapaz que se apresenta é hospede durante três dias e a seguir é mais um trabalhador. Se aceita, se reage, se quê, tudo isto é índice por onde começamos a fazer o exame do recém-chegado. Por isso mesmo é que não compreendemos a existência e o funcionamento de casas desta natureza sem a oficina. No nosso caso temos delas em Miranda e no Tojal, sem dizer das da aldeia de Paço de Sousa, que já são mais do que uma promessa. O ano transacto demos vida aos teares, que não funcionavam por falta do rapaz. Mandou-se o Manuel Jorge fazer uma aprendizagem em uma fábrica de Santo Tirso e hoje está à frente mai-lo seu ajudante. Os dois teares fazem a média de 30 metros cada um, nas 8 horas de trabalho. Primeiramente as nossas casas e o pano sobrando coloca-se no mercado. Manuel Jorge tem a sua pequenina contabilidade, procura e atende fregueses, mede, expede, dirige. Outro pensamento orientador é que jamais os padres da rua sejam administradores de indústrias ou de bens. Todo o seu cuidado deve residir na escolha e formação do rapaz, entregando e exigindo. Eles sabem o que é responsabilidade. Esta dá-lhes brio, dedicação e aumenta-lhes o amor. Não há muito que Júlio Mendes, hoje à testa dos trabalhos gráficos, me declarou num arroubo, falando de si e do Avelino e do Manuel Pinto: *olhe que nós somos os sacerdotes da tipografia*. Muito bem. Isto é exacto. Eles sacerdotes administradores. Nós, «pescadores». Pescadores de almas, segundo a promoção do Mestre. Não seremos jamais levados a cair na tentação do dinheiro e do poder, duas grandes forças de corrupção quando o homem não faz exame de consciência.

A oficina de tipografia acaba de ser enriquecida com uma nova máquina de compor que nos custou à beira de 400 contos. O nosso intuito ao dispendir uma tal soma é dar ao rapaz oportunidade de carta de compositor mecânico. Nós alimentamos a ambição de dar aos nossos bagagem de primeira classe e desta forma não sabemos poupar tempo nem dinheiro. Foi por isso que também adquirimos um tractor para a quinta de Beire, não que fosse objecto de primeira necessidade, mas sim por amor dos rapazes que ali trabalham. O Fernando Bártolo, que já tinha carta de ligeiros e de pesados, fica ora com mais uma. Depois deste, outros. Muitos. Todos. Nós alimentamos o estuante desejo que nenhum se extravie e seja elemento operante. Toda a nossa obra é conduzida para este fim. Cada rapaz tem ao seu dispor os necessários elementos para a sua auto-regeneração. O que ele não fizer por si mesmo, ninguém faz. Nem a Graça!

Acima de tudo, temos os olhos postos em África. Até à data só temos a dizer bem de quem nos chama e dos chamados. Todos cumprem. Alguns têm vindo de licença casam-se e regressam na companhia de suas mulheres. Outros, tendo deixado suas namoradas, casam-se por procuração e fazem-nas embarcar. É um aumento do património nacional. Garantia de posse das terras que nossos Maiores fizeram portuguesa. Eles sentem e compreendem assim. Amam a Pátria. Um dos que ultimamente chegou da Zambézia, ao passar pela cidade do Cabo e sabendo um bocadinho da sua história, disse-me que sentira desejo de varrer toda aquela

ra. Interessar todos em tudo. Só desta forma pode o gente e entregar o seu a seu dono! São anos verdes a falar, sim, mas significa decisão.

Outros, sobretudo o António Prata, hoje caixeiro viajante na província de Moçambique, são ainda mais verdes e mais denodados nas apreciações ao que eles chamam *terras abandonadas*. São lógicos. Referem-se às zonas pobres de onde um dia saíram para a Nau do Gaiato. Perguntam-me porque não e pedem que arranje a povoar as extensões que seus olhos não abarcam. Querem para os outros o bem que usufruem.

A vida religiosa vem em último, mas é a primeira na ordem das nossas aflições. Não há cuidado que lhe não prestemos. Aqui há tempos o Pretita fugiu e foi-se instalar no Porto, em casa de uns tios. Mais tarde foi-me dito que o rapaz tinha faltado à hora da ceia. Procuraram. Estava a rezar o terço em um canto da choupana! Claro que isto não é vulgar. Será mesmo caso único. Mas deu-se. Foi. Sabemos que não basta. Mas eu fiquei tão contente que pedi ao fugitivo para vir aos domingos a nossa casa e ele assim tem feito. Assim como na casa de famílias cristãs, também nós em todas as casas colocamos à disposição do rapaz horas de oração, frequência de sacramentos, retiros, palestras religiosas, aulas de catecismo, missa dominical. Se algum sofre ou venha a sofrer de exigências da alma pode curar-se aqui em casa.

Podemos afirmar que por cada rapaz que recebemos, ficam dez fora da porta em condições semelhantes, quando não piores. É mesmo uma das constantes angústias de quem preside, isto de dizer que não. Tem acontecido chegar aqui o homem de bem, que acha no caminho o abandonado e o transporta no seu próprio automóvel. Quantas vezes não acontece! Que epopeia! E nós fugimos para não ver nem escutar. Esta casa tem limites e o mesmo sucede às outras. Por muitas vezes temos falado e escrito da necessidade de ir às origens e atacar ali o mal. Outros homens, pela mesma razão, têm feito e dito na mesma — e nada. Não dizemos que se perdem as palavras, mas os homens postos em autoridade, perdem ocasião de agir e assim é que temos sempre e cada vez mais asilos, mais prisões, mais hospitais, mais tudo.

Quanto a nós, queremos e procuramos fazer bem feito o pouco que nos é possível fazer, isto é, um além de cem rapazes por cada «aldeia». Nestes cem, um padre da rua, o pai. De entre a comunidade, procurar os melhores e dar-lhes formação especial para que feito o pouco que nos é possível fazer, isto é, nunca os melhores e dar-lhes formação especial para que presidam. Comer da mesma panela. Aquecer-se à mesma fogueira. Interessar todos em tudo. Só desta forma pode o pai espiritual contar, conhecer e chamar pelas suas ovelhas; e só assim cada uma destas pode conhecer e número e vida diferente, temos números e mais nada.

Se na verdade, Paço de Sousa e Tojal excedem, isso obedece à piedosa violência, que vem assim desde o princípio e hoje não podemos recuar. Porém o futuro de Setúbal, cuja casa poderia receber à vontade 200 rapazes, dirá do nosso propósito. Não queremos exceder os cem. O mesmo se diz de Beire.

CONTAS

A maneira chocante com que nos apresentamos diante de quem nos pede contas, é o natural desdém e renúncia aos haveres. Dir-se-ia que íamos fugindo à maneira que o dinheiro nos persegue e é justamente aqui que nasce a dificuldade interior de o contar e dar conta. Aqui há tempos chego a Lisboa e à saída do «Foguete» apresenta-se um senhor para me falar. Pedi-lhe que fosse andando e dizendo. Era um advogado que vinha de mando de um seu cliente saber o nome jurídico da nossa obra para ficar no testamento; uma fortuna de prédios e dinheiro! O advogado não chegou ao fim da conversa. Agradeceu e despedi; — *isso não nos interessa*. Isto é verdade. Aconteceu em Lisboa. O bacharel pode contar. A família em questão terá de fazer testamento em favor doutrem. Que lindas contas! Que formosas! Tanta luz projectam elas que o mundo encandeia-se e não vê! Quere outras; as contas mentirosas. O mundo gosta da mentira.

Doutra vez colocava eu pedras de gelo nos lábios sequiosos de um moribundo. Era a morte lúcida. Dali via o doente toda a sua vida passada e sentia agora o peso de suas enormes riquezas. Por comprazer aceitamos uma nota de mil escudos para a viagem e retiramo-nos. Mais nada.

Ainda outra maré, em S. Paulo, alguém veio dizer-me para procurar o senhor fulano, a maior fortuna da cidade. Não fui. Não acredito. Por muitas vezes enquanto vivia o rei do petróleo, tivemos quem nos lembrasse uma visita àquele senhor, assim como hoje, à actual Fundação. Agradecemos e não vamos! Não

temos fé. Estas imensas fortunas, em regra, são filhas de um pecado original. Servem mais os instalados do que os verdadeiramente necessitados. Oh pecado!

De sorte que é fugindo que nós procuramos. A renúncia é a forma estranha e diria incrível, com que temos feito até hoje e esperamos continuar a fazer face às enormes despesas da nossa organização. Queremos interessar; dar sociedade a todos os homens, sobretudo aos apóstolos dos ensinamentos de Cristo. Eles hão-de vir pelo seu pé, embelezar sua alma, enriquecer, amar. A maior obra de misericórdia que podemos fazer entre os homens é dar a cada um a tábuca de uma oportunidade. *Bemaventurados os misericordiosos*. As Bemaventuras ainda são o Sermão.

Quisera ficar nestas contas. Regressar aos tempos de mendigo obscuro, quando distribuía à noite o que de dia me davam. E hoje não posso.

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Damos aqui notícia da obra, não que ela tenha sido criada como lógica consequência das casas do gaiato, que não foi, mas sim por causa da sua actualidade. De uma vez, os nossos vicentinos reunidos à volta da mesa do costume, falaram e o presidente veio ter comigo. Em nome dos confrades, pediu-me que procedesse a reparos ou mandasse construir habitações decentes para os seus pobres. Era um pedido de grande circunstância, se tomarmos em conta quem e para quem. Na verdade, aquele grupo de vicentinos assim como todos os nossos rapazes, procedem de habitações semelhantes. Por outro lado, então e hoje, ainda a multidão de indigentes espera a mão dos que podem. Tínhamos forçosamente de atender e dissemos ao rapaz que sim.

As primeiras faúlhas caíram num lugarejo da freguesia de Paço de Sousa, no mês de Setembro de 1951. Foi a medo. Era uma audácia. Era o inédito. Designaram-se 4 famílias e na tarde daquele dia, sem convites nem assistência, entraram no que ia ser delas. Estava o acto consumado. Os rapazes vicentinos foram escutados. Os seus pobres confortados. O mundo contente. A justiça servida. Deus glorificado. Começou o incêndio.

O que esta obra tem sido desde então, não há papel, nem palavras nem nada. As grandes comoções são de sofrer que não de explicar. Os nossos olhos não fitam o sol. Os discípulos de Jesus caíram por terra no Tabor. De muitas maneiras Deus se revela e fala aos homens. O Património dos Pobres é uma autêntica revelação de Deus. Quem assim não vê nem sente, também não compreende.

A sua verdadeira expressão encontra-se no número de moradias já construídas e habitadas; na ansia permanente dos que procuram construir mais; nas ofertas grandes e espontâneas dos que até hoje não tinham dado por não saberem como nem a quem; a presença dos incrédulos e afastados da Igreja. Tudo isto são expressões da obra. O Governo interessa-se. Não há muito que o Senhor Engenheiro Arantes e Oliveira, da Pasta das Obras Públicas, quis ver e sentir a vida da própria mansarda, tendo escolhido becos e vielas da cidade do Porto; e ultimamente fez o mesmo em Ponta Delgada.

Há párocos que não sossegam. Não podem sofrer por mais tempo a miséria dos seus paroquianos. Aqui os temos:

Barbacena, Cabeça Santa, Valpedre, Parada, Cête, Recarei, Lagares, Capela, Eja, Penafiel, Paredes, Gondalães, S. Miguel de Paredes, Miranda do Corvo, S. João da Madeira, Tojal, Melres, Gaia, Fontelo, Fontelas, Cambres, Tomar, Marinha Grande, Sinfães, Urgez, Alcanena, Guimarães, Moreira, Torres Novas, Águeda, Amarante, Braga, Porto, Foz, Coimbra, Barcelos, S. Martinho do Campo, Sobrado de Valongo, Murtosa, Valadares, Gulpilhares, Madalena, Rio Tinto, Águas Santas, Bombarral, Lavos, Cacia, Espozende, Caldas, Livração, Cascais, Trancoso, Santo Tirso, Famalicão, Aviz, Gafanha, Agrela, Guifães, Viana do Alentejo, Fajozes, Fanhões, S. João da Pesqueira, Bragança, Mirandela, Vila Nova do Ceira, Rio Maior, Castelo Branco, Arcos, Viana, Tazem, Paranhos, Leiria, Arraiolos, Aldeia de S. Bento, Armamar, Vendas Novas, Vila Real de Santo António, Covilhã, Campo Maior, Cacia, Maia, Oliveira, Canas de Sabugosa, Ermezinde, Cantanhede, Eixo, Mira de Aire, Medelim, Castelo de Vide, Cacém, Arouca, Figueira de Castelo Rodrigo, Tramagal, Funchal, Ribeira Brava, oito paróquias em Ponta Delgada, Alhandra, Parede, Vialonga, Vila Franca de Xira e mais. No fim do ano contavam-se por mais de 600 as moradias entregues e na data de hoje, 27 de Fevereiro do ano corrente de 1956, já temos notícia de 47 delas construídas, em vias disso e algumas já a uso de indigentes. Se dermos a cada unidade a média de 15 contos, e esta cifra é mi-

(Continua na pág. QUATRO)

Do que nós necessitamos

Mais de Portalegre. João Augusto «manda brinquedos para os Batatas» e pergunta a quantos anda no pagamento do jornal, pois ele considera o oitavo pecado mortal, dever e não pagar! Já sabíamos de sete pelo catecismo e ora ficamos a conhecer mais um. Mais 500\$ «de um de Palmela». Mais 400\$ de Mocimboa da Praia «de uma promessa». Uma tarifa da Covilhã. Quem dera mais. Tecidos! Mais do pároco do Barreiro. 150\$ «de uma colecta para a nossa Obra». Mais a devoção de alguém que se propõe entregar dez por cento dos seus ganhos que foram 61\$ de Março, 103\$ de Abril e 102\$ de Maio. Vejam os senhores como a caridade é solícita! A «professora e mãe» fique sabendo que sim senhor. Mais do Porto, «50\$ duma promessa». A Ana Alves digo que sim. Mais 50\$ de Lisboa. Outro tanto «para a que dá só pão ao filho quando barrega». Mas como é que esta notícia dada aqui há um ror de anos, é ainda impressa no coração de este «amigo velho de algures»?!

Outro tanto da Figueira «de uma promessa». Outro tanto de Gondomar. Um vazar de

coisas e de dinheiro confiados ao «Espelho da Moda». Nota-se e destaca-se entre muitos, um donativo de 250\$ de um estudante. Oh rara mocidade! Um senhor de Lisboa mandou dizer que desejava entregar na minha mão um donativo de 25 contos, tendo dado nome da rua e número da porta. À hora marcada compareci. Indicaram-me a sala. O senhor aparece. É um súbdito de Sua Magestade a Rainha Isabel II. Disse-me ele que tinha deliberado fazer uma larga distribuição por casas semelhantes à nossa em comemoração do centenário do nascimento de seu Pai. Não me disse naturalmente quanto a cada uma, mas a julgar pela nossa, deve ter sido importante. Estamos em frente de um cavalheiro no pleno uso das suas faculdades e posse total de seus bens. Era a hora do almoço e o senhor convidou-me a subir: «vamos almoçar». E eu não fui. Não subi. Tinha a hora comprometida mas prometi. Hei-de tornar. Interessa-me muito conversar com ingleses a ver se não esqueço totalmente o que sabia, e até porque a culinária inglesa é muito do meu sabor.

PATRIMÓNIO DOS POBRES

(Cont. da página UM)

Castelo de Vide. Agora mesmo recebemos notícia do pároco. Depois de construir quatro vai construir mais duas, tendo já mandado fazer a placa. No dia da inauguração convidará os Magistrados. O pároco de Maceira — Liz, quis-nos mandar notícia do beneplácito do seu Bispo, a aprovação dos estatutos, escritura do terreno e seis casas construídas. Tudo correcto. Tudo prático e racional. O Património dos Pobres é uma Pessoa da freguesia sempre de bem com o seu pároco sem admitir interferências a não ser que elas sejam por bem e para bem. Onde não for assim não está certo e nós fugimos. Temos fugido. Maceira-Liz não. O pároco de Alandroal acaba de informar que sendo o seu conceelho o maior de todos é também

o de maior miséria. Outros párocos Alentejanos falam do mesmo por outras palavras e todos querem erguer casas. Temos ido pelo Alentejo e havemos de tornar. A Junta Nacional da Cortiça muito tem auxiliado a causa e é justo que auxiliemos os párocos corticeiros.

No dia da entrega nem sempre é possível, mas mais tarde costumamos aparecer; eu mais o «Oxford». O «Morris». Não há carro como este nosso nem marca que tenha sido testemunha das maravilhas que Deus vai operando pelas mãos de mortais a favor do homem! Ainda não tem um ano e já rodou mais de 30.000 quilómetros! Pois fomos sim senhor. O dia da festa não é bom para observar; as festas empanam, ao passo que, a sós, com o Pobre, rá mais lugar de aplicar os sentidos. Notamos a ausência do vicentino. A paróquia não tem vicentinos de nenhum sexo e isto é um prejuízo. Ali e em todas onde este caso seja.

O «Património» não se resume na entrega de uma casa para uso da família pobre; é sobretudo uma Obra de assistência ao Pobre. Quem manda abrigar também manda dar de comer. É um e o mesmo senhor a inculcar misericórdia. Um habitante destas 4 casas a que me reporto, disse-me «eu escrevi o senhor Ministro do Interior». Não está certo. Parece mal oferecer uma coisa tão boa e deixar nos lábios daquela gente a queixa «nós aqui passamos fome». Por isso se dirigem a Lisboa, enganados. Ao Governo pede-se justiça. À Igreja, caridade. Onde não houver vicentinos não façam casas. Não deixem entrar no Ministério do Interior a notícia de deficiências paroquiais.

TOJAL

—No dia 16 do corrente mês foi um dia de verdadeira tristeza para nós com a saída do Senhor Padre Adriano desta casa.

Não foi por causa de ficarmos sem

AGORA

(Cont. da página UM)

vem o remédio e a força. Como? «Só como uma oração». Mais 500\$. Mais 100\$. Mais da Beira 200\$. São do Abílio.

Vai aqui a segunda prestação de mil escudos. Que constância!

Tem havido párocos um nadinha impacientes e medrosos que, tratando comigo, tratam igualmente com o senhor Ministro, sem resultado, já se vê; Ele refere-me o caso e acabou. Nem devem fazê-lo. Porquê? Por amor da devoção de prestações. É preciso que não falte no mundo o alimento do coração humano. Deixemos o Governo com suas obras. Baste ao Ministro, por agora, a ponte da Arrábida. O «Património» é uma obra nossa. É uma necessidade nossa. Os homens precisam de dar aos homens. É a vocação cristã.

O chamado cientista desvenda forças e segredos da natureza; está bem. E quem é que desvenda forças e segredos do coração humano, — quem? O «Património dos Pobres». Não desvirtuem. Não façam dele, Património, uma obra pública.

Revelem por ele, Património, o poder de Deus; e finalmente levem o cientista à convicção de que tudo quanto ele descobre e inventa é obra que já estava feita. Deus é o Criador da natureza.

Entra agora a segunda prestação da «Casa Santa Cruz», seis contos. Faz justamente um ano que tinha vindo a primeira. Oh devoção!

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

Da assinante 17.022, a quantia do costume. Aires Mourinho, 30\$00. Mais África: Raul Nunes, 10\$00 «importância que tenciono mandar mensalmente». Cá o esperamos. J. M. C. Vida, 5\$. Uma assinante de Ilhavo com 10\$. No Espelho da Moda, 120\$00 dum anónimo. Maria Begonha, 10\$00. E mais o dobro de Aida Guimarães. E o mesmo da assinante 19.183. Agora temos uma carta que diz: «Meus caros rapazes aí vos envio a quantia de 40\$10 que é tudo quanto recebi de aumento de ordenado correspondente a uma semana de trabalho. 20\$ é para o Viagens e o resto para a Conferência». Oh carta! De «um zero», 50\$00. Mais outra carta cheia de Vida, enviada por José Miranda Júnior, e que Deus continui a melhorar a sua saúde. Para terminar, «50\$00 para os pobres da Conferência, pedindo uma oração por alma de meu pai», da assinante 28.938. Que amor filial! Estas legendas encham e encham-nos. Louvado Deus por nos proporcionar estes momentos de Vida espiritual.

Júlio Mendes

Pelas Casas do Gaiato

ninguém que nos dirigisse ao bom caminho; foi apenas por isto: a Casa foi-nos dada em 1947, a maior parte dela em ruínas. O Sr. Padre Adriano lançou mãos à obra, mandou abrir caboucos, levantar paredes e saiu o Casal Agrícola.

Já cá temos um novo Pastor: é o Senhor Padre Carlos.

Veio também de Paço de Sousa um dos nossos irmãos para ajudar a governar a Casa.

—No dia 22 de Abril tivemos cá a visita do Sr. Padre Horácio mais a malta de Setúbal. Chegaram ao meio-dia, almoçaram connosco e depois jogou-se um desafio de futebol em que empatámos a uma bola.

Se formos a ver quem perdeu, fomos nós. É que lhes agradou uma vaca e levaram-na. Uma vitela foi também. E ainda por cima nos levaram uma equipa. Foi o que se chama chegar, ver e vencer. Mas nós tojalenses não nos deixaremos ficar. Chegando o tempo da fruta vamos lá reclamar a demasia.

Da nossa Conferência — Há muito que não se fala da nossa Conferência, por isso tem andado um bocadinho esquecida. Venho relembrar aos estimados leitores para não se esquecerem dos nossos pobres. Os nossos confrades ficam desolados quando lhe dizemos que esta semana não pode ser, a outra também não, e assim se passam sem que os pedidos dos nossos Pobres sejam satisfeitos. Nas reuniões aos Domingos é ouvi-los dizer: o meu Pobre precisa de uns sapatos. Segue-se outro: o meu precisa de um colchão... Leitores amigos, recordem a voz do povo: Quem dá aos Pobres empresta a Deus. Espero pela vossa ajuda, se acaso quiserem mandar algum colchão ou peça grossa. O número do nosso telefone é o seguinte: 053919 e a nossa furgoneta trata do resto.

Oscar Manuel G. Silva

A venda do Jornal no Porto

Sou ainda muito pobrezinho a escrever para «O Gaiato» e ainda estou a principiar, por isso se estiver mal, peço desculpa aos nossos amigos leitores, mais tarde chegarei a escrever melhor.

—Numa secção da Tranquilidade, ofereceram ao vendedor que vai lá que é o Quim Pequeno, uma capa de plástico e uma boina, e ele por sua vez agradece por meu intermédio, à secção da Tranquilidade e, também ao mesmo tempo dos jornais que lhe compraram e ainda os que lhe vão comprar.

Queiram receber todos os empregados da Tranquilidade respeitosos cumprimentos deste Gaiato que aí vai vender — Quim Pequeno.

—Por isso esses Bancos, essas Casas, essas Casas comerciais devem copiar pelos outros que fazem o bem. Quem começou foi o Banco Nacional Ultramarino. Nunca se arrendam de fazer bem a quem precisa, que Deus pagará mais tarde a toda essa gente.

—Como já foi dito aqui atrasado a nossa oficina de Tecelagem encontra-se a fabricar pano. Por isso venho dizer aos nossos Amigos que não esqueçam de mandar desde já encomendar porque amanhã pode ser tarde. Até agora temos tido poucos pedidos, mas eu espero que isto não continue sempre assim.

Nós cá por agora, temos pano cru de 90 a 70 cm. de largura e, sarja de 70 sm., pois o de 80 já se acabou.

—Agradeço ao senhor Cruz que pára sempre na Cervejaria Sá Reis e costuma pagar sempre a merenda a todos os Gaiatos que aparecem a vender lá dentro. A este senhor em nome de todos muito e muito obrigado.

Mário Correia Ramos (BANANA)

PAÇO DE SOUSA

Estamos no mês de Maio — o mais lindo do ano. É o mês de Maria e das flores. Por todos os lados vicejam plantas e se abrem as flores, que nos embriagam com o seu perfume. Por todos os lados a natureza está engalanada para festejar o mês da Mãe do Senhor! Que tempo lindo! Tudo é mais ridente! Tudo canta louvores ao Criador dos mundos! As árvores estendem seus braços amigos em sentido ao Alto. Nelas estão os passarinhos que nos embebedam com seu cantar e nelas fazem seus ninhos. Nós aqui somos mais beneficiados pois em todos os lados temos árvores, quer de fruto, quer de enfeite. Este mês faz lembrar-nos coisas lindas e convida-nos a poisar a cabeça e desansar um bocadinho no regaço da Mãe.

Desde o dia 1, temos tido terço melhorado. A mãe desceu lá das Alturas e veio para o trono feito pelos carpinteiros, que o puseram a um cantinho da nossa capela. Ali está no meio de nós, todá contente, a assistir ao nosso terço e bênção do Santíssimo. Que lindo que isto é. A Mãe a presidir, no nosso meio, mais pertinho de nós, sentindo as nossas pulsações. Que coisa tão familiar! Em muitas casas, onde impera Cristo, ou melhor em muitos lares cristãos, reza-se o terço. Na lareira, lá está a mãe sentada num banquinho. Se à mesa do jantar lá está a mãe no meio. Aqui, como muitos de nós não temos mãe, está a nossa beirinha a Mãe do Céu.

Sr. Padre Adriano comunica-nos duas palavrinhas de Vida e no meio de cada mistério entoar-se um cantico de louvor a Nossa Senhora.

Também aqui não faltam os grilos. Os batatas que os apanham nas tocas da mata, metem-nos numa caixinha e esta anda sempre com eles. Na capela não podiam faltar. Não é mal nenhum. A Mãe também gosta deles. Estes também fazem parte da nossa grande família. Muito obrigado Maria por vires para o meio de nós. E nós temos que aproveitar. Embebermo-nos n'ela para conservarmos o seu hafo abraçador pela vida fora.

FUTEBOL

Sport Clube Nun'Alvares... 3

G. D. Casa do Gaiato..... 3

O nosso grupo deslocou-se a Recarei, onde defrontou o clube local — Sport Clube Nuno Alvares, filiado na Associação de Futebol do Porto. Entramos no «Campo do Calvário», propriedade do clube visitado, com a nossa equipa bastante desfalcada e jogamos muito pouco. Nem parecia a nossa equipa. Todos jogaram abaixo das suas possibilidades. Mesmo assim não vencemos a contenda por manifesta falta de sorte, pois estávamos a vencer por 3-2 a poucos minutos da fase final e o jogo foi empatado devido a um deslize do flanco esquerdo da nossa defesa.

Apresentamos a seguinte constituição:

Brito, Pereira Gomes, Augusto e L. Carvalho; Daniel e Pinheiro Cerqueira, Dita, Gaia, Rui e Eduardo.

Daniel B. da Silva



Foi esta a inauguração da Casa do Gaiato dos Açores.

RELATÓRIO DE 1955

(Cont. da pág. TRES)

to próxima da verdade, temos um dispêndio total de 9.000 contos, dos quais 775 vieram do Governo.

São muitos os nervos que entram na estrutura deste movimento. Primeiramente, um autêntico rendimento social, quer dizer, enquanto damos casas aos sem abrigo, fornecemos pão aos que nelas trabalham. Também entramos na economia da própria Nação, prestando a nossa humilde cota ao comércio e à indústria pelos materiais que se gastam. Somos uma força incentiva, levando entidades oficiais e muitas particulares a falar, a discutir e a realizar. Já se viu na Era dos Melões um capítulo de política rural, onde se trata de casas para pobres. Dantes não era assim. De sorte que, mesmo que não tivessem outros valores mais subidos, isto que se vê e apalpa bastava.